

Introdução

O interesse de fazer uma pesquisa, tendo por base a obra da poeta norte-americana Elizabeth Bishop, já era um desejo acalentado desde 2001, quando comprei o meu primeiro livro de poemas da autora, a antologia bilíngue *Poemas do Brasil* (1999). Coincidentemente este foi o ano da minha graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade da Amazônia – Unama. A leitura dos poemas foi uma grata surpresa, pois o tema era o Brasil, em particular o Rio de Janeiro. Essa particularidade me levou a questionar a ausência dos textos de Elizabeth Bishop no conteúdo programático da disciplina Literatura Americana, não apenas por ser uma obra representativa, mas também pelo conjunto de poesias “brasileiras”, que por si só justificariam a presença de Bishop nas leituras recomendadas do Curso de Letras da Unama.

Em 2005, já fazendo parte do corpo docente da Unama, fui convidada a assumir a cadeira de Literatura Americana do Curso de Letras desta Instituição de Ensino. Elizabeth Bishop logo foi incorporada aos novos autores que seriam estudados naquele semestre. Assim começou o meu envolvimento com a vida e obra de Bishop. Durante esse processo, descobri a Amazônia de Elizabeth Bishop e decidi pesquisar mais, li o que estava disponível no Brasil e nos Estados Unidos. Por fim, em 2007, cursando o Mestrado em Letras – Tradução da PUC-Rio, entrei em contato com a teoria dos Estudos Descritivos da Tradução (Descriptive Translation Studies – DTS), que viabilizaram essa pesquisa interdisciplinar entre Tradução, Elizabeth Bishop e Amazônia.

Muito já se escreveu sobre o legado de Elizabeth Bishop, porém pouco se estudou a recepção da tradução de sua obra para a língua portuguesa do Brasil. Com exceção de referências a algumas traduções de poemas isolados pela crítica especializada, inexistem, até onde se sabe, estudos acadêmicos sobre o tema. Poucos autores estrangeiros, especialmente poetas, mereceram a publicação da quase totalidade de suas obras em nosso país. Grande parte dessa receptividade local da obra de Bishop ocorre devido ao conjunto de poemas de temática brasileira que a autora escreveu, enquanto morou nestes trópicos.

Elizabeth Bishop transformou sua “experiência tropical” em pouco mais de vinte poemas e meia dúzia de textos em prosa, mas que representam a intensidade de uma vivência, tanto pessoal quanto literária, no lado ‘debaixo’ do Equador. Pode parecer pouco para um período de quase duas décadas no Brasil, porém, deve-se levar em conta que o fator produtividade não era uma característica de Bishop, que, algumas vezes, levava anos trabalhando em um poema antes de considerá-lo pronto para publicação. Entretanto, os fatores tempo e produtividade tornam-se completamente irrelevantes quando estudamos seus poemas e observamos o cuidado artesanal que imprimia neles, pois Elizabeth Bishop não foi apenas poeta, era, antes de tudo, uma artista que pintava com palavras.

Quando cruzou o Atlântico a bordo do navio “SS Bowplate” em 1951, tinha como companheiro de viagem o livro *The voyage of the Beagle*, de Charles Darwin e, provavelmente, o guia de viagem *Nagel South America*. Como iremos ver, a aventura de circunavegação pelo Estreito de Magalhães e a visita às famosas Ilhas Galápagos foi interrompida, ainda no Brasil, e só foi retomada vinte anos depois, em 1971. A leitura de Darwin foi o primeiro contato com os trópicos sul-americanos. Com o passar dos anos, Bishop leu outras obras específicas sobre o Brasil e a Amazônia. Livros escritos por exploradores, pesquisadores e cientistas ou simples viajantes, especialmente norte-americanos e ingleses, que descreviam os trópicos brasileiros segundo uma visão imperialista.

O gosto por esse tipo de literatura foi provavelmente herdado e cultivado nas bibliotecas familiares, resultado de uma tradição do século XIX, mas que ainda persistia na primeira metade do século XX: a literatura de viagem e as narrativas das grandes expedições exploratórias na América do Sul. Hoje, com a disponibilidade da maioria dessas obras em meio digital, é possível ter uma ideia da influência de toda essa leitura sobre a porção “brasileira” da obra de Bishop.

Elizabeth Bishop passou a maior parte de sua infância e adolescência convalescendo de doenças diversas e, nesses períodos, tinha sempre a companhia dos livros. Sua personalidade reservada fazia com que se fizesse acompanhar sempre por eles, por meio dos quais podia se isolar e sonhar acordada e escrever, em prosa ou poesia, sobre a experiência de viver a leitura. Uma dessas leituras de adolescência, o romance *Green mansions* (1916), de W. H. Hudson, revela-nos um sonho distante de conhecer a Amazônia.

I wished that the book had been twice as long when I put it down, and I was filled with longing to leave for South America immediately and search for those forgotten bird people. It seemed still unfinished, even more than that delightful region in my mind I told about, and I felt sure that if I could only find the right spot, the right sun-lighted arches of the trees, and wait patiently, I would see a bright-haired figure slipping away among the moving shadows, and hear the sweet, light music of Rima's voice¹. (Bishop apud Goldensohn, 1992, p.204)

Segundo Goldensohn (1992), o romance *Green mansions* foi lembrado durante a viagem para a América do Sul a bordo do Bowplate e aproximou Bishop de outra passageira, a agora famosa Miss Breen eternizada no poema “Arrival at Santos” (1952)². Ambas confessaram que as mesmas imagens românticas as atraíram para os trópicos. É aqui que começa a aventura tropical de Elizabeth Bishop, por meio de uma imagem romântica, que ressurgirá transformada, “transculturada” em seus poemas brasileiros.

O sonho de conhecer a Amazônia só se concretizou em fevereiro de 1960. Essa viagem inesquecível é retratada no poema “Santarém” (1978); em uma crônica “A trip to Vigia” (1983); e no fragmento de poema “On the Amazon” (Bishop, 2007), assim como em algumas anotações e comentários nas cartas escritas a amigos norte-americanos e brasileiros. Porém, o poema bishopiano que melhor representa a Amazônia de Bishop é “The riverman” (1960), escrito antes da viagem à Região Norte. Assim “The riverman” e “Santarem” foram escritos em duas fases distintas da vida de Bishop.

Na nota introdutória do livro *Poemas do Brasil* (1999), Paulo Britto, tradutor de Elizabeth Bishop em nosso país, observa que sua intenção “foi apresentar uma seleção de textos poéticos que registrassem o impacto do Brasil sobre a autora”, acrescentando que os poemas incluídos nessa antologia se justificavam pelo seu “valor literário” (1999, p.5).

¹ Quando terminei de ler o livro, desejei que ele fosse duas vezes mais longo. Estava cheia de vontade de partir imediatamente para a América do Sul e procurar por aquelas esquecidas pessoas-pássaro. A narrativa parecia inacabada, ainda mais do que aquela deliciosa região da minha mente da qual falei, e eu tinha certeza de que se conseguisse encontrar aquele lugar exato, os exatos arcos de árvores iluminados pelos raios solares, e se esperasse pacientemente, eu iria avistar uma figura de cabelos claros fugindo por entre as sombras e ouvir a música suave e doce da voz de Rima. (Exceto quando mencionado, as traduções são feitas pela autora desta dissertação)

² Exceto quando mencionado, os anos referem-se às publicações na revista *The New Yorker*. Muitos dos poemas de Elizabeth Bishop apareciam primeiramente em revistas literárias antes de serem publicados em livros pela autora.

Podemos estudar a obra da poeta norte-americana em dois sistemas literários distintos, ambos importantes: o sistema brasileiro de literatura traduzida (em que é representada pela sua obra traduzida no Brasil) e o sistema americano de literatura traduzida (no qual aparece como editora e tradutora de poemas de autores brasileiros para a língua inglesa).

Para o presente trabalho, nos concentramos no primeiro sistema citado, tendo em vista analisar os poemas que estão contextualizados dentro do espaço regional amazônico, cujo estudo se justifica pela importância cultural e literária para a história poética da Amazônia. Esse recorte se faz necessário dado à complexidade do estudo de cada sistema (brasileiro e norte-americano) e porque em cada um deles Elizabeth Bishop encontra-se em posições sistêmicas distintas.

Para uma análise mais flexível da obra de Elizabeth Bishop, dentro do sistema de literatura traduzida brasileira, adotamos como orientação teórica nesta investigação os estudos dos polissistemas literários de Itamar Even-Zohar (2005) e a proposta de estudo descritivo da tradução de Lambert & Van Gorp (1985). Discutimos também o papel da tradução de textos literários nas Américas sob a teoria de Lefevere (2007) e Gentzler (2008).

Já é ponto pacífico que a tradução literária exerce influência sobre os sistemas literários nacionais. Ocorre que, dentro de um sistema nacional (o brasileiro, por exemplo), coexistem outros sistemas literários periféricos. Um desses sistemas é o amazônico. Márcio Souza (2008), romancista e pesquisador amazonense, questiona a existência de uma literatura genuinamente amazônica devido à grande interferência de textos não nativos. Na verdade, o que Márcio Souza postula é a universalização dos textos de temática amazônica, que não sejam desprezados textos como os de Elizabeth Bishop, por exemplo. Afinal, convivemos com discursos que projetaram a região e, por conseguinte, interferiram na tradição da literatura de ficção que surgiu na Amazônia do século XIX. Imagens que até a metade do século XX ainda persistiam, com base em narrativas descritivas que variavam do terror do *Inferno verde* (Alberto Rangel – obra publicada em 1909) ao puro êxtase da *Hileia amazônica* (Alexander Humboldt – obra publicada em 1804).

Diante de um mundo de águas e árvores, autores estrangeiros descreviam personagens quase sempre submetidos à natureza e em precárias condições psicológicas, revelando a forte tendência naturalista de acentuar estereótipos no

caboclo amazônico. Destacamos em especial a prosa de Euclides da Cunha em *Um paraíso perdido* (2000), que descreveu de modo dramático, a realidade amazônica:

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante, que lhe percorre a bacia em busca de variados aspetos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e, aos olhos do homem sedentário, que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o. A adaptação exercita-se pelo nomadismo. Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril (Cunha, 2000, p.113).

Mas foi a mitologia, a cultura indígena cabocla, que mais forneceu inspiração e material para a formação da literatura brasileira produzida na Amazônia. Esse rico material foi reunido em textos científicos e em narrativas de viajantes ao longo de dois séculos, até ser “descoberto” pelos escritores modernistas Mário de Andrade e Raul Bopp, membros fundadores do movimento antropofágico brasileiro. Da genialidade desses autores surgem duas importantes obras do Modernismo Brasileiro: *Macunaíma* (2008 [1928]), de Mário de Andrade e *Cobra Norato* (2006 [1931]), de Raul Bopp.

O mesmo fenômeno ocorre quase vinte anos depois, quando Elizabeth Bishop lê a obra etnográfica *Amazon town* (1953), do pesquisador norte-americano Charles Wagley, e decide escrever o poema “The riverman”, transformando a narrativa cabocla registrada pelo cientista em poema. Ao transformar o texto científico em texto literário, a autora estabelece um sentido universal para seu texto. Desse modo, o personagem, a natureza e as encantarias sofrem um processo de transculturação literária.

Resumindo, os escritos amazônicos de Elizabeth Bishop servem de proposição para um estudo sobre textos literários traduzidos com base nos Estudos Descritivos da Tradução (DTS), nos Estudos Culturais e na Literatura Comparada. Os capítulos que compõem este estudo estão distribuídos de forma

que o leitor tenha uma leitura preparatória para penetrar no universo amazônico bishopeano.

Assim, esperamos que nossa pesquisa contribua para despertar na comunidade acadêmica, em especial a da Região Amazônica, a importância de estudar os textos traduzidos de autores estrangeiros sob a visão dos DTS, assim como o de inserir a poeta norte-americana no estudo da história do discurso cultural e literário da Amazônia brasileira. Estas são as questões norteadoras de nosso estudo, que são discutidas no próximo capítulo deste trabalho – **Questões de tradução: fundamentos teóricos**.

O capítulo, intitulado **Amazônia: a busca do *eldorado***, é voltado para a reflexão sobre a trajetória discursiva que contribuiu para a invenção da Amazônia enquanto confronto de imaginários. Na primeira parte, discutimos alguns momentos pontuais para fundamentar este estudo: as narrativas de viagem dos naturalistas, trabalhos de etnógrafos, antropólogos e também de ficcionistas que, de alguma forma, influenciaram Elizabeth Bishop, bem como sua visão sobre a Amazônia. Na segunda parte, abordamos o *eldorado* caboclo, suas especificidades regionais e culturais, uma vez que a população amazônica apresenta uma formação étnica heterogênea, com destaque para a narrativa oral e como a mestiçagem contribuiu para a formação do discurso caboclo.

O capítulo seguinte, **Elizabeth Bishop: nota biográfica**, é dedicado à biografia da autora norte-americana, com ênfase no período em que ela viveu no Brasil. Ao mesmo tempo, durante o desenvolvimento do texto, são apresentados alguns poemas representativos desse período da vida da autora.

No último capítulo, **O olhar poético de Elizabeth Bishop traduz a Amazônia**, comentamos os textos amazônicos e apresentamos os fenômenos da transculturação e da conversão semiótica como as principais formadoras da poética amazônica, segundo Jesus Loureiro (2001, 2008). Em seguida, apresentaremos um estudo inédito, sob a luz da antropologia cultural, do poema “The riverman”. Também o poema “Santarém” é estudado de acordo com a teoria da imagologia de Machado & Pageaux (2001), dentro da área de literatura de viagem. Está inserida neste capítulo a viagem empreendida por Bishop à Amazônia, cujo final é narrado na crônica a “Trip to Vigia”. Por meio dessa narrativa, comentamos as observações da autora e as marcas e pistas textuais que

possibilitam caracterizá-la como uma crônica poética do cotidiano do Estado Pará dos anos sessenta.

E, por fim, **Referências**, onde consta o aporte teórico que subsidia esta pesquisa.